PROGRAMA

JOVEM MONITOR/A CULTURAL

1ª CAMINHADA

THAÍS
Agosto / Setembro
Puccini
MANON LESCAUT
Outubro
Wagner
LOHENGRIN
Novembro / Dezembro
Mozart
COSÌ FAN TUTTE

CONSELHO EDITORIAL - MATÉRIAS

DA VITRINE À PAISSANDU
Fotografia: Francinaldo Domingos Cordeiro Filho e Thiago Costato de Oliveira
Entrevistas: Juliana Gervaes Barbosa e Letícia Rizzo
Elaboração dos questionários: Daniel Strabeli
Aplicação dos questionários: Daniel Strabeli, Juliana Gervaes Barbosa, Larisa Leite Pinna
Tabulação e análise de dados: Beatriz Salles Lima, Isabella de Souza Rodrigues e Julia Sacramento
Redação: Ana Carolina Stanger Martins Mazzotini e Sofia Leonor Von Mettenheim
Revisão: Letícia Rizzo
Colaboração: Bruno Bezerra Trindade e Lisandra Coelho

SARAU ESTRELA DO NORTE
Redação: Elias Gehrti
Entrevistas: Bruna Vieira e Walter Junior

FEIRA CULTURAL PUEBLO ANDINO
Entrevistas e elaboração da matéria: Jéssica Inácio da Costa e Rafael Fialho
Transcrição e tradução: Abner Bim
Revisão: Mafê
Edição: Leny Passos
Entrevista com Natalia Scromov Espada: Camila Araujo e Dan Claudino
Entrevista com Sebastião Almeida: Beatriz Andrade e Camila Beatriz
Contato e coleta de dados com o Consulado Boliviano: Renant
Coletas de dados: Samuel Silva
Fotografias: Gutierre (Tessan)
Colaboração: Cleber Vieira e Fernando Araújo

CADEIRAS VAZIAS EM TEATROS
Matéria e entrevistas: Igor Dias, Leticia Lima, Mirna Neit Felix, Shayanny Kássia de Sá, Wilson Lopes Neto e Rafael Silva.

ARTE GRÁFICA: Lisa Coelho e Fábio Carvalho

REVISÃO DE TEXTO: Leandro Noronha da Fonseca

ÍNDICE

DA VITRINE À PAISSANDU..... 8

ENTREVISTAS 10

COMENTÁRIOS 17

FEIRA CULTURAL 20

ENTREVISTAS 24

SARAU ESTRELA DO NORTE 30

CADEIRAS VAZIAS 32

FOTOS DOS JOVENS 36

PUBLIFOLHA
Millôr Fernandes

Se comunicar: porque a juventude precisa!

A comunicação permeia diversos aspectos da nossa vida, desde como nos vestimos até o que assistimos na televisão ou lemos nas revistas. Comunicação também é cultura, e por isso essa temática ganhou espaço na programação do Programa Jovem Monitor/a Cultural.

Esta publicação que se encontra em suas mãos é fruto de um trabalho em conjunto entre a equipe do Instituto Pólis, a Secretaria Municipal de Cultura e, é claro, a juventude que participa do Programa. É resultado de uma série de formações teóricas, nas quais os jovens e as jovens puderam elaborar pautas e, a partir delas, trabalhar temáticas que envolvessem os equipamentos em que atuam e os próprios territórios onde vivenciam essa formação prática.

O Estatuto da Juventude, sancionado em agosto de 2013, assegura alguns direitos à juventude (ou juventudes, já que existem diversas possibilidades de ser jovem). Nessa atividade, tivemos a intenção de promover o exercício do direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão e o direito à Experimentação por parte dos jovens e das jovens. Nela, todos e todas puderam exprimir suas próprias ideias e pensamentos. Por isso, as opiniões presentes nos textos aqui veiculados não representam o pensamento da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo e nem do Instituto Pólis.

Mais do que nunca, a juventude precisa se comunicar, seja através de sua identidade, seja produzindo conteúdos jornalísticos, ou de qualquer outra maneira. Exercer a comunicação é também exercer a cidadania.

Boa leitura a todos e todas.

O que é o Programa Jovem Monitor/a Cultural (PJMC)?

Criado pela Lei Municipal 14.968/09 e regulamentado pelo Decreto Municipal 51.121/09, o Programa Jovem Monitor/a Cultural (PJMC) visa a formação teórica e prática de jovens entre 18 e 29 anos que atuam no atendimento, produção e difusão da cultura municipal em equipamentos culturais da cidade de São Paulo. O programa é coordenado pela Secretaria Municipal de Cultura (SMC) por meio do Centro Cultural da Juventude (CCJ).

As formações se realizam através de 30 horas semanais remuneradas, sendo 24 de formação prática, executadas em equipamentos públicos da SMC, e 6 de formação teórica, na qual são promovidas leitura, discussão e produção de textos, visitas monitoradas, elaboração de projetos e participação em oficinas. Atualmente, o Instituto Pólis realiza a formação de 58 jovens que atuam no Centro Cultural da Penha (CCP), Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes (CFCCT), teatros distritais, Cidadania Cultural, Fomentos e outros setores do Departamento de Expansão Cultural (DEC).

Já a ONG Ação Educativa é responsável pela formação de 126 jovens que atuam no CCJ , nas bibliotecas municipais, no Museu da Cidade/Solar da Marquesa, OCA do Parque Ibirapuera e Arquivo Histórico.

GALERIA OLIDO

DA VITRINE À

O perfil dos espaços da Galeria Olido, localizada no centro da cidade, e

Oficina de dança - Sylvia Masini

Galeria Olido - Nenem

Localizada no bairro da República, a Galeria Olido é um local administrado pelo Departamento de Expansão Cultural (DEC) da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Abrangendo diferentes linguagens artísticas, é composta pelo Cine Olido, Centro de Memória do Circo, o Centro de Dança Humberto da Silva – que compreende a Sala Paissandú e as salas de ensaios Café, Azul e Vermelha –, a Vitrine da Dança e a Sala Olido. Com uma programação diversificada de dança, a Sala Paissandú e a Vitrine da Dança conseguem atrair diferentes públicos.

PAISSANDU

de quem frequenta suas atrações de dança

Ambos os espaços têm uma relação intensa com o público que as frequenta. Mesmo que abriguem eventos de dança, suas programações têm estilos bem diferentes. Enquanto na Vitrine da Dança ocorrem shows dançantes de samba rock, na Sala Paissandu a dança contemporânea é o estilo mais presente. Apesar dos espaços serem da Galeria Olido, a Vitrine é de vidro, fica exposta aos corredores e à rua, chamando a atenção dos transeuntes.

Para responder questões sobre a programação e a estrutura dos espaços, os Jovens Monitores Culturais que atuam na Galeria Olido entrevistaram os programadores Fernando Dourado e Kátia Bocchi, responsáveis pela linguagem de dança e música na Divisão de Programação da Galeria, respectivamente, e com a diretora executiva de produção, Sulla Andreato. E para conhecer mais sobre o perfil do público frequentador dos espaços, uma pesquisa foi realizada nos dias 07 e 08 de maio pelos monitores, aplicada em 35% daqueles que estavam na fila do espetáculo "Um pouco de tudo e tudo de mim", da Cia. Jaime Arouche Criação (programação do Circuito São Paulo de Cultura), na Sala Paissandú, e em 18% das pessoas que estavam curtindo o show de samba rock de quinta-feira e o baile de sexta-feira, na Vitrine da Dança.

A seguir, você pode conferir as três entrevistas e comparar os olhares de cada uma dessas áreas da realização cultural da Galeria Olido.

Letícia Cristina

ENTREVISTAS

Fernando Dourado - Programador de dança da Galeria

Fernando Dourado

Como são decididas as atrações da Vitrine e da Sala Paissandú?
Na Vitrine, a parte de dança é exclusivamente dança de salão. É um programa que já é consolidado da Galeria antes mesmo de eu entrar. Como tem um público muito cativo, decidimos manter esse programa, porque é rotativo e é um tipo de curso que não tem necessidade de inscrição. Tem um caráter quase recreativo.
Sempre procuramos professores que dominem várias modalidades na dança de salão. Por exemplo, se você me apresenta um projeto de tango, dificilmente você entrará. Mas se você me apresenta um projeto que abarcará tango num dia, forró em outro, samba de gafieira em outro, zouk em outro dia, esse tem mais chance. Como é um público rotativo e espontâneo, você tem que pegar todo esse leque de pessoas, pois tem gente que vai vir em dia só para o forró, o outro só para o tango, o outro só para o cha-cha-cha, e tem gente que vai vir para todos. O programa tem que ser o mais eclético possível.
Mudamos a programação da [Sala] Paissandú. Antigamente, ela era muito vinculada ao Programa de Fomento. As companhias que ganhavam o Fomento à Dança ensaiavam nas salas de ensaio, e depois a estreia delas estava praticamente vinculada à Sala Paissandú.
A Secretaria financiava o projeto, dava subsídios para o ensaio e depois oferecia palco. Como a produção do Fomento à Dança às vezes há produções muito boas, há outras não tão boas, sem diálogo tão forte com o público, então resolvemos mudar. Até para ampliar o perfil de programação.
Já que é um centro de dança, tem que haver todo tipo de dança, não só de dança contemporânea. Por exemplo, você pode ver um espetáculo de hip hop, na semana seguinte um espetáculo de dan-

ça contemporânea que deriva do balé clássico, e na outra semana um espetáculo de dança contemporânea de pesquisa de movimento baseada em improvisação, contato e improvisação e outras frentes que vão nesse sentido. A programação da Paissandú é pautada, sobretudo, pela pluralidade das modalidades de dança, porque temos que compreender dança como um fenômeno global, não segmentado.

Existe algum critério de seleção dos grupos para o espaço? Por que geralmente sempre tem mais espetáculos de dança contemporânea na Sala Paissandú?

É porque a produção de dança contemporânea é maior, mas critérios têm vários. Desde ineditismo - sempre procuramos colocar estreias. A trajetória do grupo é levada em consideração, porém não só isso. Porque, de repente, tem um trabalho de um criador ou coreógrafo novo que é super inovador e interessante, então colocamos também. Desde experiência até a falta de experiência é contada como critério de avaliação.

Mas são casos muito particulares. Por exemplo, nesse final de semana está o Luis Arrieta, que é um coreógrafo com mais de 70 anos, é um senhor de idade. A produção do Luis Arrieta é muito expressiva em São Paulo. Ele é coreógrafo do Balé da Cidade, já foi diretor do Balé da Cidade, trabalha com várias companhias. É quase um museu dançante, tem muita história e repertório. O pautamos numa estreia - não conheço o espetáculo -, baseados na trajetória dele.

Porém, por exemplo, estou negociando um [espetáculo] que é com o Diogo Granato e o Henrique Lima, dois bailarinos que estão se encontrando para fazer um solo que estreará em julho. Vi um trecho do trabalho deles, e eu conheço trabalhos dos dois. São jovens coreógrafos. Se você comparar a experiência do Luis Arrieta com a do Henrique Lima, que acabou de sair de companhia, como coreógrafo, ele é muito inexperiente em relação ao Luis Arrieta, porém os dois estarão na Sala Paissandú. Porque um trabalho é muito interessante pelo seu repertório e história, e o outro é muito interessante pela jovialidade e pesquisa de movimento.

Mas a Sala Paissandú não é vinculada só à dança contemporânea, isso que é importante ficar [marcado]. Por exemplo, Treme Terra já passou por aqui, que é dança popular. Danças urbanas: Frank Ejara, Ivo Alcântara, hip hop. Apresentou uma proposta interessante e inovadora, se é que a gente pode encontrar coisas inovadoras hoje em dia, analisamos com um pouco mais de atenção. Me chama muito a atenção quando [o espetáculo] tem mistura de coisas, e às vezes técnicas muito diferentes.

E para esse grupo entrar e fazer uma apresentação na Sala Paissandú, é necessária uma docu-

mentação especial?
O grupo pode me apresentar o material. Por exemplo, recebo muita ligação, envio de material, falando "Fernando, estou com esse projeto aqui". Aí você analisa o vídeo, se cabe ou não no espaço, se está dentro do perfil da programação. Mas outra possibilidade é eu ir para algum lugar assistir o espetáculo. Semana passada estava [em cartaz] o Malemolência. Assisti a esse espetáculo no festival Vivadança, na Bahia. Eles misturam dança contemporânea com um pouco de capoeira e gestos cotidianos da própria atmosfera de Salvador. É um resultado super interessante. Convidei eles para virem para cá.
Ou eu posso chegar na companhia, ou a companhia pode chegar em mim. Esse [caso] do Diogo Granato e Henrique Lima, eu cheguei neles. O Diogo postou um vídeo pelo Instagram. Vi e na hora já mandei um recado para ele. Acho o trabalho do Diogo super legal, porque ele mistura parkour com dança. Acho super diferente. Com o Henrique Lima, que é um bailarino que está vindo de companhia, ele foi do Balé da Cidade, Cisne Negro, e que tem uma movimentação super bonita. Eu falei "vai dar um bem bolado bom". Já liguei para eles e fechei hoje para estrearem aqui. Essa questão do ineditismo, do frescor, da mistura de linguagens, está presente só nesse exemplo que eu estou dando.
E você vai até alguns espaços para ver apresentação dos grupos?
Às vezes sim. Por exemplo, hoje agendei para ver um ensaio do Zombie Boys, que é uma companhia de dança urbana que está entrando em pesquisa para o contemporâneo, fazendo essa mistura. Eles trouxeram o espetáculo e eu falei "quero ver como é que está". Já marquei e eles vão me apresentar um ensaio para assistirmos. Mas pode, também, eu ver um espetáculo em algum lugar, achar incrível, e já conversar com o produtor na hora.
No ano retrasado, teve a Plataforma ProAC de dança, que é um festival em que são apresentadas todas as produções do ProAC. Tinha um de flamenco que chamava "Luceros dança Toninho Ferragucci", que é o que entrou no Circuito [São Paulo de Cultura]. Quando eu vi, eu amei, porque é um "flamencão", só que com sanfona. Ou seja, tem todo um namoro com cultura brasileira. Lindo o espetáculo. Vi no Sérgio Cardoso. Acabou o espetáculo e eu já fui atrás do teatro perguntar quem era o produtor. Conversei, me apresentei, dei o meu cartão e falei "Vamos trocar ideia". Trocamos e-mails e a temporada aqui na Galeria Olido, na Paissandú, foi um puta sucesso, lotado todos os dias. Levamos, então, para o Circuito. Ampliamos a temporada no centro [de São Paulo] para vários teatros na periferia. De público, não foi tão interessante igual no centro, mas teve um público bom. Mas por quê? Talvez não tenha acesso. Às vezes, a pessoa que mora lá em Cangaíba não

tenha noção do que é o flamenco. Tem essa questão da formação de público. Pegamos um espetáculo que estava num outro espaço, que foi um sucesso na Galeria, e colocamos para circular em outros espaços também.

Vocês traçam o perfil dos frequentadores para contratar apresentações?
Concretamente não. Intuo o perfil do público da Galeria mais pelo que eu frequento, porque quando eu dançava, frequentava a Galeria tanto para ensaiar, quanto para assistir espetáculo. Me incluo como um dos perfis e, pelo que observo, vejo que está tendo uma mudança, menos pessoas de dança e mais público espontâneo. Mas isso é uma percepção, porque não temos levantamento de público, de pesquisa, para saber quem é, de onde vem, de que região da cidade é, escolaridade, etc. É muito intuitivo.

E como funciona a divulgação desses eventos? É o mesmo tipo de divulgação nos dois espaços?
É, a minha programação inteira eu fecho o mês. Mando um arquivo para a assessoria de imprensa, e esse arquivo é montado com todo o material, e fotos que eu encaminho para ser colocado no site da Galeria Olido. A assessora de imprensa organiza isso para entrar na [revista] Em Cartaz, o Fábio para a revista da Olido. Então as nossas fontes de divulgação são: site da Olido, revista Em Cartaz, revista da Olido, e eles encaminham esse *release* completo para outras assessorias como, por exemplo, Guia da Folha, Guia do Estadão e o Guia Boca a Boca.

Então se existe uma divulgação com flyers por exemplo, é a Companhia que faz por fora?
Antigamente, na Galeria, na Sala Paissandú, toda companhia ganhava um programa. O pessoal de dança é, às vezes, muito hermético, precisa de um acompanhamento depois. Teve um corte gráfico, tiramos isso e eu consegui colocar um *flyer* que divulgava a programação da Paissandú inteira durante um tempo.
Ele existiu durante uns seis meses, depois cortou gráfica.
Hoje em dia, raramente tenho material. Esse ano, o único material que eu tive foi do Malemolência, porque eu pedi, pois eles eram de Salvador, uma companhia que não era de São Paulo. Precisava de uma divulgação um pouco mais de peso para eu garantir um público. Porque assim, não tem nome, ninguém conhece. Quem é Grupo Jeitus da Bahia? Sei lá, ninguém sabe quem é. Eu sei porque fui ver e julguei interessante para a população ver, mas as pessoas em si não têm, então teria que ter uma divulgação um pouco mais maciça além da já tradicional que fizemos. Quando tem *flyer*, é a própria companhia que faz por fora, infelizmente.

GALERIA OLIDO

Katia Bocchi - Programadora de música da Galeira

Como são decididas as atrações da Vitrine e da Sala Olido?
A Vitrine já tem um projeto fixo, que é de terça, quarta e quinta. Esse projeto acontece, se eu não me engano, desde 2008. É um projeto, na verdade, para as pessoas dançarem, não é um show para o povo ficar sentado. Por isso que está na Vitrine da Dança. Terça-feira é samba, quinta-feira é o samba rock, que é a grande menina dos olhos da Galeria, que vem gente de todo lugar para dançar. E de quarta-feira, um mês é forró e outro mês é hip hop.
As bandas mandam o material, escuto e vejo se tem a ver. Não dá para ouvir tudo, obviamente, porque recebo muita coisa, mas, mais ou menos, eu já conheço um pouco, já sei. Já a Sala Olido é um pouco mais requintada, porque é uma sala maior, para 300 lugares, e são shows maiores. Na verdade, eu procuro colocar na Sala Olido músicas de artistas consagrados. Lógico que nosso dinheiro não dá para fazer, mas fazemos o que dá.

Existe algum critério de seleção para os espaços? Qual é o critério que você utiliza para selecionar os grupos?
O critério é saber se eles se encaixam dentro da proposta. Da Vitrine, por exemplo, se é um grupo de samba – dificilmente eu trago um pagode, porque a proposta é samba de raiz. E eu escuto, vejo se o grupo tem um balanço legal para o pessoal dançar.

Katia Bocchi

Vocês traçam o perfil dos frequentadores?
Não. O perfil dos frequentadores daqui é engraçado. É um pessoal que está acostumado a vir aqui. Sei que, no samba rock, vem gente de tudo quanto é bairro, porque já é famoso. Então como as bandas são muito boas e o pessoal pode dançar, vem gente de tudo quanto é lugar. Mas o samba e o hip hop, é um pessoal que frequenta aqui e a Galeria do Rock. E aí acaba conhecendo o espaço e o projeto.

Como funciona a divulgação dos eventos?
A divulgação sai na revista Em Cartaz, no site da Secretaria, em banner e no folheto da Galeria.
Você tem alguma relação com a Sala Paissandú?
Nenhuma. A Paissandú é mais voltada para a dança.

Sulla Andreato - Diretora de produção da Galeria

Sulla Andreato

Qual desses dois espaços, a Sala Paissandú e a Vitrine da Dança, demanda maior atenção da produção?
Ambas, porque a Vitrine da Dança tem atividade de terça a sábado, então todo dia ela me dá uma demanda de professor, de problemas, de alegrias, de tristezas, de abaixo assinado. E a Paissandú, por outro lado, tem, a partir, de terça-feira, as montagens com as companhias. Umas são bacanas e humildes, outras são estrelas, chegam já achando que são os reis da cocada. Eles me dão demandas praticamente iguais. Só que ali [na Vitrine] é uma dança de salão, que não tem nada a ver com a dança contemporânea. Uma coisa é a dança de salão, e depois as outras atividades musicais que temos na sequência. Mas a Paissandú já é mais direcionada à dança contemporânea, à companhias. Você monta o cenário, a iluminação, tem todo um outro processo.

Por que não tem bilheteria na Vitrine da Dança?
Porque ela é um espaço multiuso. Num espaço multiuso não existe uma *bilheteria*. Existe, por metro quadrado, quantas pessoas cabem num espaço multiuso. Por exemplo, ali foi feito um desenho pelos arquitetos. Pela metragem da sala cabem 200 pessoas. Essa é a nossa referência. A dança de salão, por exemplo, me dá 70, 80 [pessoas]. Num show da noite, um samba rock, ela chega a 300 pessoas entre idas e vindas, porque a pessoa circula, entra e sai. Por isso que temos contador. Na época, para tirar essa média, ficávamos no contador. Quer dizer, um ficava na saída, outro ficava na entrada. Então ele ia marcando quantos saíam, quantos entravam, para a gente criar uma média real, não uma média virtual.

E quantas pessoas cabem na [Sala] Paissandú?
136 pessoas. É claro que fazemos caber mais, dependendo do evento. Colocamos 20 cadeiras nas escadas, deixando um vão livre para passagem. Atingimos umas 140 a 150 pessoas sentadas nas cadeiras.

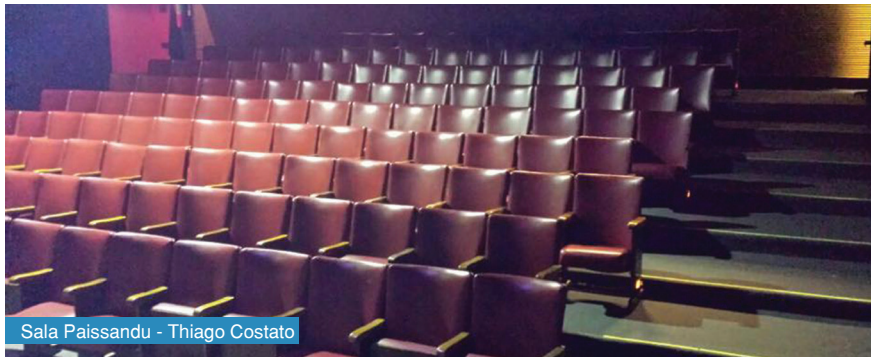
E os dois espaços possuem infraestrutura para esses eventos acontecerem e para os artistas,

como camarim, por exemplo?
Os dois têm. Temos um camarim só na Paissandú, que atende tanto masculino como feminino, temos dois banheiros lá. E a Vitrine, hoje eu consegui um "camarinzinho" para as bandas. Mas a dança de salão não utiliza camarim.

Como funciona a divulgação dos espaços?
Depende muito. Uma [divulgação] é que todas as atividades da Vitrine também entram na [revista] Em Cartaz e na nossa revista da Olido, que tem um espaço chamado Vitrine da Dança. É ali onde acontece a proposta do professor de dança, o que ele está trabalhando - se é samba rock, se é bolero, se é tango. Tem uma proposta ali clara. E as músicas que acontecem na Vitrine da Dança.

Mas não tem nenhuma divulgação, por exemplo com flyer?
Não tem. Às vezes, um *banner*. Quando não dá tempo de colocar na revista, no caso do Sarau do Circo que vai acontecer na sexta-feira que vem (29 de maio), estamos elaborando. Temos uma imagem e pedimos um *banner* [com a informação] da segunda terça-feira para colocar ali para todo mundo saber que sexta-feira às 18h30 vai ter um Sarau do Circo, convidando todo mundo.
E da Sala Paissandú?

A Paissandú também sai. Teve uma época em que usamos alguns programas de cada companhia que vinha. Imprimíamos, falando da companhia, com *release* deles, sinopse, foto, créditos, ficha técnica. Mas, não sei por qual motivo, acabou. [Talvez] até porque vinha muito fomentado, eram os fomentados que faziam isso, porque eles recebiam a verba já da Prefeitura. Não tínhamos verba para ficar toda semana fazendo *folder* para os grupos.


Sala Paissandu - Thiago Costato

COMENTÁRIOS

Jovens Monitores comentam as entrevistas com os funcionários da Galeria Olido

Observando as entrevistas, podemos destacar alguns pontos sobre os dois espaços. Em primeiro lugar, a rotatividade da Vitrine aparece algo muito positivo, explicando o fato de ser tão frequentado. A produção se preocupa em contabilizar o fluxo de pessoas nos eventos, pois todos podem transitar pelo espaço sem compromisso. A preocupação com a liberdade do público e seu envolvimento através da dança é evidente nas programações da Vitrine. A periodicidade semanal na programação é muito interessante, pois permite que as pessoas criem um vínculo com o espaço. Há dificuldade de fazer uma divulgação para quem está no local saber o que está acontecendo, não só no espaço já frequentado, mas sim na Galeria toda. Isso pode ter consequências no público. A partir da falta de recursos que potencializem a divulgação, é reforçada a presença de quem sabia do evento por já frequentar o espaço e as pessoas que estão simplesmente circulando pela região podem ficar de fora - Sulla e Fernando contam nas entrevistas que só conseguem bancar uma divulgação mais direta dos espetáculos em casos bem específicos, como de companhias que são desconhecidas na cidade, por exemplo.

O debate sobre a divulgação levanta uma diferença entre os grupos que se apresentam na Vitrine e na Paissandú. Como os entrevistados apontaram, uma divulgação mais personalizada acontece em muitos casos devido a própria companhia. Esse é um ponto mais característico da Sala Paissandú.Também é muito interessante entender como cada artista que se apresenta na Olido foi parar ali. Fica claro que existe uma dinâmica de seleção própria para cada espaço. O processo de seleção da Vitrine da Dança é bastante mediado pela percepção da programadora de música Kátia Bocchi e a iniciativa dos próprios grupos em levar seus trabalhos para o espaço é bem destacado por ela. No caso da Sala Paissandú, se alega uma preocupação em trazer para a programação a "pluralidade das modalidades de dança". A escolha, nesse caso, se pauta na busca de referências no meio artístico. O programador Fernando Dourado cita companhias ao longo da entrevista, onde o convite foi feito partindo de processos cuidadosamente detalhados na conversa. . Cita-se, também, a companhia Treme Terra, classificada por ele como "dança popular", entrando no cenário de inovação para a Paissandú.

GALERIA OLIDO

Jovens Monitores comentam sobre o questionário realizado com frequentadores da dança na Galeria Olido

Observa-se muito claramente que ambos os espaços possuem diferenças bem relevantes de público da Sala Paissandú e Vitrine da Dança. As idades são um primeiro elemento de diferenciação. Na Sala Paissandú, a idade média dos frequentadores é de 43 anos e na Vitrine da Dança, 33. No total, 40% dos frequentadores da Paissandú tinham mais de 50 anos, e 55% de quem estava na Vitrine tinha entre 20 e 30 anos.

Não se tem uma série histórica que comprove uma mudança desse perfil etário. Mas isso, talvez, confirme a hipótese de Fernando Dourado de que a Paissandú está recebendo um público mais maduro. A escolaridade média nos dois espaços é o nível universitário, que entre completo e incompleto totaliza 45% em ambos.

Isso revela que esse segmento da população, com Ensino Superior, possui preferências culturais diversificadas e se interessa tanto por samba rock como por dança contemporânea. Também aponta para a dificuldade de promover uma frequência significativa de cidadãos que não concluíram o Ensino Médio, cuja presença somada representa 8% do total desses espaços.

Na Vitrine da Dança, 86% dos entrevistados responderam que trabalham. Esse número é menor entre os que responderam na Sala Paissandú, dos quais 68% trabalham. Outra diferença relacionada foi que os entrevistados da Sala Paissandú costumam frequentar mais atividades culturais no seu cotidiano - 52% deles vivenciam eventos culturais 5 vezes ou mais por mês. Já na Vitrine, a maior parte do público (76%) não atinge a frequência cultural de 5 vezes ao mês. Isso, provavelmente, acontece por ser esse o público que mais trabalha, sobrando menos tempo livre para esse tipo de atividade e fruição cultural.

Mais um item do questionário compõe este quadro. Ao ter que indicar se trabalho, estudo, descanso e lazer eram essenciais, importantes ou apenas relevantes em sua vida, 16% dos entrevistados na Paissandú consideraram o descanso como essencial e 2% como apenas relevante. Este quadro praticamente se inverte na Vitrine, onde 7% considera o descanso como essencial, enquanto 24% deram a este item a menor importância.

Ainda a respeito do público que trabalha ou não, a prática de atividades culturais do público da Vitrine está incorporada ao seu cotidiano, não consideram algumas dessas ações como sendo "culturais". Isso é muito comum num contexto social como o nosso, em que a indústria cultural propaga a ideia de que apenas eventos e apresentações artísticas com alto grau de especialização são considerados cultura.

Em detrimento de atividades com aspecto mais socializador e de lazer, onde a cultura é promovida e experimentada de forma mais coletiva e recreativa. Entre o público da Sala Paissandú, 20% estava frequentando o espaço pela primeira vez, enquanto que na Vitrine esse percentual era de apenas 3%. Isso confirma que as pessoas não vão à Vitrine de Dança simplesmente porque estavam passeando e entraram para conhecer. A Kátia já tinha sinalizado isso durante a entrevista, quando perguntamos sobre o perfil de frequentadores da Vitrine: "Eu sei que no samba rock vem gente de tudo quanto é bairro, porque já é famoso. Então, como as bandas são muito boas e o pessoal pode dançar, vem gente de tudo quanto é lugar". Talvez isso também tenha a ver com a recente mudança de público mencionada pelo Fernando, que percebe o crescimento na Sala Paissandú de um público que não está diretamente vinculado à dança, mas apenas se interessa, ou então, migra da Vitrine da Dança.

Ao mesmo tempo, outro número surpreendeu. 32% de quem vai à Paissandú, frequenta o espaço há mais de 10 anos. Isso pode estar relacionado à maior idade do público, mas demonstra, também, que há um público fiel e antigo que continua indo nas apresentações.

Se a Sala Paissandú tem um público mais antigo, a Vitrine da Dança tem um público que frequenta mais vezes por mês o espaço. A porcentagem daqueles que afirmaram visitar a Vitrine "sempre" é bem parecida, em torno de 30%. A diferença se dá entre quem afirmou visitar várias vezes, sendo 45% no caso da Vitrine. 24% afirmaram isso sobre a Sala Paissandú, distribuindo-se entre "pouco" e "bem pouco". Esse fator pode ser explicado pela diversidade de eventos que ocorrem na Vitrine. As oficinas, por exemplo, promovem uma assiduidade maior do público.

Com essa pesquisa notam-se as diferenças entre ambos os espaços e também comprova-se a importância de se ter questionários que evidenciem as características do público, até mesmo para um maior conhecimento de quem trabalha com a programação e produção dos eventos.

FEIRA CULTURAL

Espaço de convivência e resgate cultural

A cidade de São Paulo costuma ser destino daqueles que procuram melhores oportunidades de trabalho e qualidade de vida, tanto migrantes quanto imigrantes. A Prefeitura estima em 195 mil a população imigrante, e não é de se estranhar que a região da Zona Leste da cidade acolha a maior parcela da população estrangeira, principalmente as que provêm de países pouco desenvolvidos economicamente. Os custos de moradia na periferia são mais acessíveis e há concentração de labores, como os de confecção. Estar num país diferente, de cultura heterogênea, idioma diferente e distante dos familiares, é o contexto que emerge de alguns dos espaços de convivência dos imigrantes da Zona Leste de São Paulo.

Feira Pueblo Andino - Tessan Gutierre

Feira Pueblo Andino - Tessan Gutierre

Penha negra e andina

Quem chega ao Largo do Rosário de lotação, vindo de bairros das proximidades, já pode ouvir a música que destoa das canções mais frequentemente tocadas nas periferias de São Paulo. É música andina, trilha sonora cotidiana da Feria Cultural Pueblo Andino que, desde 2012, ocupa aos domingos o tradicional território negro, no distrito da Penha. Lá, onde 213

PUEBLO ANDINO

anos atrás foi erguida a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, hoje existe o encontro de pessoas de diversas nacionalidades - embora a maioria seja de bolivianos e bolivianas - tendo como elo a condição de imigrantes e a língua hispânica. Antes da consolidação e oficialização da feira no lugar em que é realizada atualmente, os organizadores e muitos dos feirantes e frequentadores se reuniam em uma quadra esportiva na região do Tiquatira, onde aconteciam campeonatos de futebol. Ali eram comercializados diversos produtos, entre peças de vestuário e comidas típicas.

Segundo o relato de Delfin, atualmente um dos coordenadores da feira, em decorrência de constantes acidentes com os praticantes do esporte e, posteriormente, o aterramento da quadra, foram extintos o campeonato e, consequentemente, os encontros da comunidade. Num segundo momento, os campeonatos rumaram para as imediações do metrô Penha. Surge a ideia de consolidar esse encontro em uma feira. Um dos responsáveis pela articulação foi Rene. Ele relata que uma comitiva de três pessoas ficou responsável por questionar a subprefeitura da região sobre a possibilidade de utilização de um espaço para a realização da feira. O retorno foi positivo. Atualmente, a feira conta com quinze barracas divididas em quatro setores: cereais (alimentos típicos para cozinhar em casa como chuño, choco, quinoa, etc), artesanatos, vestuário e salgados (alimentos prontos típicos como fricassê, charquekan, sopa de mani, etc). O palco é utilizado como central do sistema de som e para apresentações musicais.

Segundo a organização, cerca de 3.000 pessoas circulam pela feira semanalmente.

Expansão

Existem outras feiras similares na zona leste da cidade, mas que ainda não são legalizadas. A mobilização e a divulgação dos eventos são realizadas nas rádios online da própria comunidade. O uso das redes sociais também auxilia na propagação das informações. "O boliviano gosta de ir à feira comer comida nativa, encontrar a família, amigos, já que trabalham a semana toda. Não há outros lugares onde podem estar reunidos", afirma o artista Fernan. Desde o início de 2015, a convite da subprefeitura, o espaço do Tiquatira vem sendo novamente ocupado pelos bolivianos. "Foi sugestão da subprefeitura que os bolivianos ocupassem também o espaço do Tiquatira, pois é muito mais amplo, e essa ocupação tem acontecido gradativamente. A comunicação entre a subprefeitura e a comunidade boliviana se dá por meio de um conselho do qual fazem parte o poder público, representantes da comunidade boliviana e membros da sociedade civil. Esse conselho existe para que a comunidade boliviana possa levar à subprefeitura suas demandas e necessidades, e isso acontece diretamente através desses encontros", afirma Sebastião Almeida, supervisor de cultura da Subprefeitura da Penha. "O objetivo da subprefeitura é esse, desde a primeira vez que o supervisor de cultura me recebeu ele me fala desse desejo. Precisamos de líderes bolivianos aptos a organizar. Há muitas dificuldades. É preciso fazer muita propaganda. Divulgamos em nossas quatro rádios na internet, por onde se comunicam todos os bolivianos. Fazemos panfletos quando temos ajuda de empresas privadas", pontua Delfin quando questionado sobre a possibilidade de expansão das feiras pelo território da Zona Leste. O pesquisador Valdson Fraga de Oliveira, graduado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), acredita que a expansão da presença andina nas periferias, em especial na Zona Leste, se dá por causa de uma maior aceitação da população local à presença estrangeira. "De alguns anos para cá percebi que existe uma mu-

dança geográfica dentro de São Paulo. Muitos imigrantes se localizavam na região central. Hoje existe um deslocamento grande em direção às periferias, principalmente na região leste da cidade. Acredito que eles não sejam tão discriminados nas periferias como na região central da cidade". Pudemos observar a importância da feira a partir dessa visita, especialmente enquanto iniciativa autônoma advinda da necessidade do reencontro das raízes, já que todo o entorno não proporciona esse encontro. No seu âmago, as tradições, costumes e a ancestralidade dos que vieram tendem a se perpetuar nos mais novos, e a diáspora não fará com que sejam esquecidos. Pelo contrário: as raízes também estão sendo fincadas aqui, terra de tantas outras diásporas.

Jéssica Inácio da Costa
Rafael Fialho

Feira Pueblo Andino - Tessan Gutierre

ENTREVISTAS

As memórias afetivas de Natália Scromov Espada

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP) em 2012, Natália Scromov Espada trabalha de forma autônoma como arquiteta, artista plástica, fotógrafa e escritora. Descendente de pai boliviano, tem como uma das principais fontes de inspiração o bairro da Penha, onde nasceu e morou por muito tempo. Natália alimenta o site Estúdio da Torre (www.estudiodatorre.com) com suas obras. A seguir, confira a entrevista que os Jovens Monitores Culturais realizaram com ela:

Desde o início você já concebia um trabalho de conclusão de curso não convencional, com uma veia mais artística, ou isso surgiu no processo de construção?
A princípio, como seria o meu trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo, pensei em projetar uma obra que abrigasse oficinas e estimulasse atividades artísticas e culturais no bairro da Penha, que é o bairro onde nasci e morei quase toda a vida. Já tinha até escolhido um terreno próximo ao Largo do Rosário para isso, mas na época, pesquisando sobre as possibilidades, pude ter contato com o projeto de reforma que estava sendo desenvolvido para o prédio do Centro Cultural da Penha (que estava fechado) e percebi que não teria porque eu projetar algo que já estava por ser realizado e atenderia exatamente às carências que percebia no bairro. A única certeza que eu tinha é que a Penha seria parte importantíssima do meu trabalho, independente do rumo que ele tomasse, pois percebo que esse carinho que sinto pelo meu bairro não é só meu, mas é um sentimento compartilhado por muitos penhenses que encontraram aqui um local agradável, onde percebemos alguns hábitos ainda provincianos que tornam nossa rotina mais aprazível e humana, além, das paisagens das casas e igrejas com um quê de nostálgico, evocando a memória do que vivemos e não vivemos aqui.
Comecei a investigar de onde vinha essa memória afetiva, a pesquisar a história do bairro, a revirar álbuns da minha família, a relembrar a configuração da minha casa da infância, e percebi que o bairro e os vizinhos eram a extensão da minha casa, eram o meu território e, portanto, minha identidade. Foi observando alguns desenhos do bairro que eu tinha feito em meu caderno, que eu pude perceber uma coerência entre eles, como se eles me mostrassem o que eu queria compartilhar, e com isso continuei a desenhar cenas que me atraíam, desde cachorros no portão de uma casa a torres de igrejas. Foi com mais desenhos feitos que

percebi que eles não bastavam para transmitir a atmosfera do bairro, tampouco o que sua simplicidade tinha de encantadora. Então vieram os contos, baseados em memórias e observação da poética da vida cotidiana, para tocar a imaginação e criar cenas por meio de palavras, não apenas através de desenhos. É curioso isso de assumir um espaço físico construído como parte de sua identidade. Considero isso muito revelador, e é isso que toca quem conhece o trabalho, pois todos nós temos lugares afetivos, memórias sensoriais que nos levam a viajar no tempo e por nossos próprios lugares afetivos, independente de onde você tenha crescido. Cada pessoa pode criar seu próprio mapa afetivo, que não mede distâncias em quilômetros, mas em sensações, reconhecimento, memória e identidade.

Você já escrevia contos? Tem algo publicado?
Eu costumo escrever em meus cadernos desabafos, ideias, observações, histórias que me surgem, mas nunca escrevia contos. Foi minha primeira experiência do tipo. A ideia de escrever contos surgiu quando li o livro "As cidades invisíveis", de Ítalo Calvino, onde Marco Polo tem que narrar as cidades que visita para Klubai Kan, um imperador que não tem disposição para visitar suas próprias terras, e cada cidade é descrita em pouco mais de uma página, mas de modo que uma cidade é completamente diferente da outra, narradas não apenas por características físicas, mas de modo fluido, por peculiaridades de acontecimentos, habitantes e hábitos que alimentavam tanto a imaginação do imperador que ele acreditava que existissem mesmo sem ter provas. Era o caminho que encontrei para transmitir o que meus desenhos não eram capazes de mostrar, amostras de vivências que constroem cenas imaginárias.

Percebi uma tendência ao religioso, ao sagrado. Isso se dá pela constituição arquitetônica e histórica do bairro, ou se relaciona a você e suas crenças?
Como escrevi no conto "O Caçador", "se dá conta de que frequenta essas igrejas todas sem sequer adentrá-las. São íntimas desconhecidas". Sou encantada pelo cenário das igrejas e largos com nomes de santos, acho bonito ver a crença materializada em pinturas, construções e símbolos. Também pela devoção que existia e ainda existe por Nossa Senhora da Penha, considerada a padroeira da cidade de São Paulo, e também pelo bairro ter sido importante local de peregrinação. Até hoje estamos familiarizados com cruzes, torres, velas e eventualmente procissões. Estudei no Colégio São Vicente de Paulo, dito colégio de freiras, tive ensino religioso, mas não sigo uma religião específica, apenas respeito as diferentes crenças e sinto que há algo maior.

Por falar em tradições, você diz

que seu trabalho é baseado em "memórias afetivas". Pensando por este viés, há alguma influência das nacionalidades de seus pais nos seus trabalhos, ou até mesmo no seu olhar artístico?

Natália Scromov Espada

Certamente. Meu pai é boliviano, minha mãe é filha de pai russo com mãe brasileira, mistura é o que não falta. Acho essa miscigenação toda muito positiva, é muito enriquecedor ter contato com diferentes culturas, vivenciar essas diferenças, crescer ouvindo memórias de outras terras e sotaques diferentes, eventualmente escutar algumas palavras trocadas em portunhol. Isso tudo nos faz querer conhecer mais dessa cultura, ao ponto de sentir que a Bolívia é tão minha terra quanto o Brasil e a Penha. Quando fico mais de um ano sem ir para a Bolívia, parece que algo me chama, fico com aquela saudade pulsando leve, e com o tempo ela pulsa mais forte e então volto. Vejo a família, viajo, passeio e sempre volto satisfeita e encantada. Fico impressionada, pois existem muitos artesãos de qualidade lá, muitos aprendem de pequenos a tecer, a pintar, escul-

pir, são muito habilidosos. Essas viagens me rendem bons desenhos, leituras e visitas a museus e templos. Acho que o que mais me influencia de todas essas vivências é a beleza da simplicidade, a poética do cotidiano e o toque afetivo, seja no trato com as pessoas, seja em arquitetura, em ilustração, em escrita, em cerâmica, latão. Em todos os meus trabalhos, por mais variados que sejam, tento posicionar o lado humano.

Você fala em seu livro um pouco de sua antiga casa na Penha e de como ela se relaciona com a casa de seu avô em Cochabamba, na Bolívia. Você acredita que a presença dos imigrantes bolivianos influencia, não somente em aspectos socioeconômicos, mas também em questões arquitetônicas e artísticas?
Acredito que sim, pois invariavelmente a bagagem mais importante que trazem é a sua cultura, as suas memórias, um repertório de referências construído em outro território e com algumas características muito diferentes das que estamos habituados.
No caso do meu pai, quando construiu nossa casa, se inspirou muito em soluções construtivas da casa onde viveu, e não porque ele queria reconstruir sua casa, mas porque ele sabia que aquilo era bom e funcionava. Para começar qualquer projeto, seja qual for, buscamos referências mesmo inconscientemente. Nosso museu imaginário está sempre ativo, e é aí que entra essa bagagem cultural.

Quais elementos poéticos você utiliza na criação do trabalho?
Eu sou arquiteta e artista, montei meu ateliê em casa, na Penha, chamado de Estúdio da Torre. Fiz um site que atualizo com trabalhos que faço mostrando o processo numa espécie de ateliê online, onde compartilho experiências pelo blog. Sempre mesclo artes e arquitetura, seja criando peças especiais para os projetos de reforma ou interiores, seja estruturando esculturas de papel machê, móbiles de latão, cerâmica, pinturas aplicadas em paredes, estêncil, enfim, uma infinidade de caminhos. Costumo sempre dar um toque lúdico às minhas peças, o foco é sempre tocar. Sinto que o trabalho está pronto quando ele me toca e aflora o sensível, seja causando um riso leve, seja trazendo lembranças. Isso é o que tento compartilhar, é o sentir que nos faz retomar o humano. Esse é o meu foco.

Aqui na Penha temos uma feira temática boliviana. Gostaríamos de saber se você frequenta a feira e quais diversidades encontrou entre a nossa cultura e a da Bolívia.
Costumo ir a esta feira sim, bem mais prático do que ir até a Praça Kantuta. Já dá pra matar um pouco a saudade das comidinhas, além, claro, de ser gostoso perceber esse movimento boliviano no bairro. Eu adoro aqueles pães

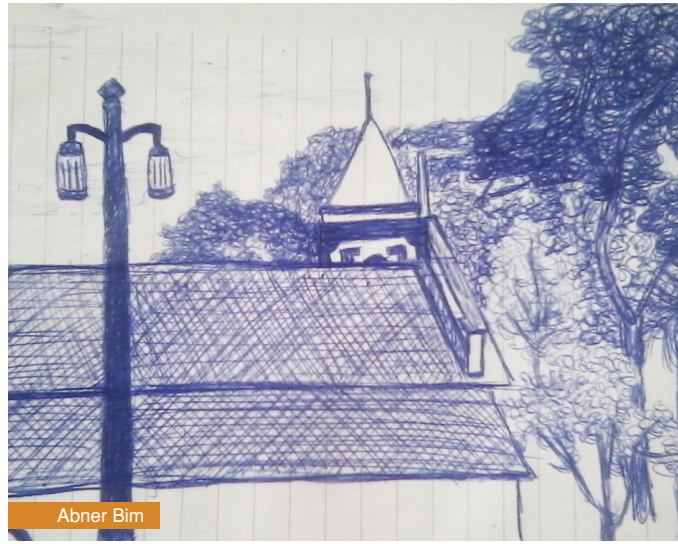
caseiros redondinhos, são saborosíssimos e quase sempre os compro ainda quentes. Também gosto muito de tomar mocochinchi, que é uma saborosa bebida feita com pêssego desidratado, como se fosse um chá gelado. Sobre os pratos quentes amo sopa de maní (amendoim), mas essa faço em casa, pois sou vegetariana e quase todos os servidos na praça levam algum tipo de carne.

Poderia descrever sua viagem até a Bolívia? O que isto resultou em seu trabalho e vivência artística?
Viajei pra Bolívia algumas vezes, algumas delas encontrei minha família e depois segui sozinha por cidades que queria conhecer, em outras fui com amigos e irmãos. O maior impacto positivo dessas viagens é conhecer mais da cultura boliviana e me sentir muito orgulhosa de ter um pouquinho disso em mim. Presenciei cenas incríveis de generosidade, de trabalho coletivo, conheci verdadeiros guerreiros, pessoas em condições econômicas difíceis, mas muito dignas, educadas e respeitosas. Claro que nem tudo são flores, mas é muito comum sentir esse acolhimento e o trato educado com os outros. Até me esqueço um pouco do corriqueiro egoísmo paulistano. O que coloco disso em meu trabalho é o respeito ao próximo. Em arquitetura isso aparece nos estudos de projeto, pois preciso conhecer meu cliente, saber ouvir suas vontades e saber moldá-las ao projeto. Em ilustração isso aparece quando imagino quem é meu público e como quero que o trabalho chegue até ele, o que deve despertar e como fazer isso, sempre tentando tocar o seu sensível.

Tem intenção de divulgar e realizar seu trabalho artístico em outros países?
Sim, eu adoraria. Cheguei a expor fotografias no final de 2012, no Teatro Municipal de Potosí. Estive um tempo na cidade, conheci um grupo jovem de teatro chamado "Colectivo Aldea Espiral" e encantada com a cidade e o trabalho deles produzi uma série de fotos dos caminhos que fazíamos. Meu tema era o cenário que era comum para eles, enquanto eu ficava boquiaberta com aquelas ruas e casas de pedra, com o movimento das pessoas que andavam rápido, as bancas de lanches nas ruas, as varandas belíssimas sobre as calçadas estreitas e as grades de ferro forjado. Eram tantos pequenos detalhes lindos que eles não paravam para ver, e só perceberam quando por acaso mostrei-lhes as fotos em minha câmera. Foi aí que eles deram a ideia de exposição das minhas fotos no mesmo dia em que apresentariam sua peça-obra no Teatro.

Batizei minha série de fotografias de "Territorios de la mirada", cuja intenção era fazê-los observar as belezas que os cercam. Foi ótimo, fiquei super satisfeita com essa participação e por fazer novos amigos queridos.

Natália Scromov Espada



Abner Bim

Natália Scromov Espada

SARAU ESTRELA

Coletivo de moradores do bairro Patriarca, na Zona Leste, ocupam

A praça Estrela do Norte se localiza no bairro de Cidade Patriarca, na Zona Leste de São Paulo, e tem potencial para ser um ponto cultural da região. Atualmente, é ocupada por jovens que jogam futebol e realizam outras atividades, ou por crianças que utilizam os brinquedos do espaço. No entanto, não existem intervenções artísticas, nem uma cultura de valorização do espaço por parte da maioria dos ocupantes. Diante desta situação, o morador, rapper e ator Elias Gehrti teve a iniciativa de realizar o primeiro sarau na praça denominado Sarau Estrela do Norte. "O evento foi feito para revitalizar a praça, dar vida aos muros da quadra com graffites e desenhos feitos pelos próprios ocupantes. E avivar, também, o ambiente com música ao vivo", diz. O evento também contou com o apoio de integrantes do coletivo ClasseArte: Gabriel Sales, técnico em eventos, Paola Perazza, artista gráfica, a fotógrafa Janine Miranda e o professor de História Leandro Alves na organização e execução do evento.

Segundo Denis, morador da região há mais de três décadas, a ocupação com arte e cultura é extremamente importante para o desenvolvimento do bairro. "O espaço deveria ser mais valorizado pelos moradores", opina.

Já para Nilton, dono do bar que contribuiu com a energia elétrica para o sarau, é indiferente o acontecimento de eventos artísticos, mas diz que fica "contente em saber que a galera, ao invés de estar fazendo bobagem, está participando disso [do sarau]".

Há outro morador, Nias, que tem um papel importante na revitalização da praça. "Ele é um jardineiro talentoso que deixou nossa praça linda e agradável com sua habilidade decorativa com as plantas", afirma Elias.

De acordo com Elias, a subprefeitura da região não realiza a manutenção da praça. "Reuni meu coletivo,

DO NORTE

praça com arte e cultura

o ClasseArte, para tomar frente nessa empreitada. Tivemos que tirar dinheiro do próprio bolso para bancar as tintas que pintaram o muro, por exemplo. Não podemos investir em nossa gente sozinhos, queremos a participação do Poder Público para bancar os recursos necessários para manter este equipamento. Quanto a metodologia, pode deixar com nós, pois sabemos o que precisa ser feito para melhorar nosso meio". "Para construir uma cultura de autopreservação é preciso desconstruir a de autodestruição. Para isso acontecer, temos que motivar as crianças e dar o exemplo do que queremos ver no mundo", finaliza Elias.

Elias Gehrt

Coletivo Estrela do Norte

CADEIRAS VAZIAS

Pesquisa indica que 78% dos moradores e trabalhadores da Zona Sul

Igor Dias

Os teatros Décio de Almeida Prado, no Itaim Bibi, e Leopoldo Fróes, em Santo Amaro, possuem programação ativa desde julho de 2011 e outubro de 2013, respectivamente. Ambos oferecem durante o ano inteiro uma programação intensa, sobretudo espetáculos de teatros e shows musicais de diversos grupos e artistas renomados, nacionais e internacionais. São, portanto, importantes equipamentos culturais para o cenário e desenvolvimento do setor e das regiões onde estão localizados. Todavia, a aproximação do público local com estes equipamentos não acontece como de fato deveria.

Pesquisas realizadas no primeiro trimestre de 2015 pelos Jovens Monitores Culturais dos teatros citados revelaram que 78% dos entrevistados desconheciam os teatros distritais da região, embora conhecessem as bibliotecas Anne Frank e Prestes Maia. Foram entrevistadas 260 pessoas das regiões de ambos os teatros. Os pesquisados mostraram-se surpresos e entusiasmados ao serem informados que esses equipamentos culturais da Prefeitura fazem parte das bibliotecas e que possuem programação acessível e diversa o ano inteiro.

EM TEATROS

não conhecem os teatros distritais da região

Os pesquisados disseram não frequentar esses teatros por desconhecimento à programação e também por falta de tempo. Ressaltaram que costumam optar por atividades culturais em locais que já conhecem, ou por indicação de amigos, pois nunca receberam nenhum tipo de informação referente à programação dos teatros.
Apesar dos dados apresentarem possíveis explicações para o baixo índice de público nestes espaços, vale considerar que 84% disse ter vontade de conhecer os teatros quando possível e acompanhar a programação; 87% frequentaria as atividades se tivesse maior disponibilidade de tempo; e 90% dos entrevistados disseram gostar de teatro.

Itaim Bibi e Santo Amaro
Localizado no chamado "quarteirão da cultura", mais precisamente na rua Cojuba, o teatro Décio

TEATRO

Divulgação/Prefeitura

de Almeida Prado se encontra próximo a Avenida Faria Lima, uma das regiões mais valorizadas da cidade de São Paulo, chamada por alguns de "Manhattan brasileira". O bairro possui cerca de 92.000 habitantes, com renda média de R$ 4.241,57 e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,953, de acordo com dados demográficos da Secretaria Municipal de Coordenação de Subprefeituras, de 2010. Predominam pessoas de alta renda e numerosos empreendimentos comerciais como bares e casas noturnas, oferecendo uma vasta opção de atividades de lazer e entretenimento, com grande quantidade de trabalhadores e empreendedores na área.

Já o teatro Leopoldo Fróes, localizado no bairro de Santo Amaro, possui 71.570 habitantes, renda média de R$ 3.665,76 e IDH de 0,943. Encontra-se em uma região composta, boa parte, por loteamentos de alto padrão, mas também de localidades

populares e comerciais, como a região do Largo 13 de Maio, um dos maiores centros comerciais de São Paulo, além da região do centro empresarial com escritórios, sedes de bancos e empresas multinacionais. É, portanto, uma região bastante mista; residencial e comercial ao mesmo tempo.

Embora apresentem demandas e características distintas entre si, as regiões dos teatros tendem a abrigar uma população com um padrão de renda elevado e que deveria frequentar ativamente equipamentos culturais, segundo teorias diversas sobre a elitização das artes dos espetáculos.

A questão tratada não envolve classificar a aproximação de um público X ou Y com os equipamentos apresentados, mas tentar encontrar hipóteses para a baixa quantidade de frequentadores ativos da programação oferecida. Embora seja necessário avaliar outras questões, pode-se perceber que existe um público local potencial para desfrutar destes equipamentos. Talvez, um bom trabalho de aproximação com esse público seja necessário para reverter o quadro de baixa frequência, evitando que espetáculos sejam cancelados por falta de espectadores, como já ocorreu algumas vezes.

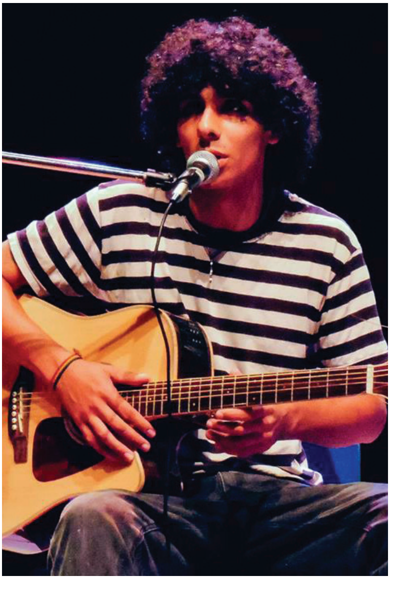
Igor Dias,
Leticia Lima,
Mirna Neit Felix,
Shayanny Kássia de Sá, *W ilson Lopes Neto*,
Rafael Silva.

Will Lopes

GALERIA DE FOTOS

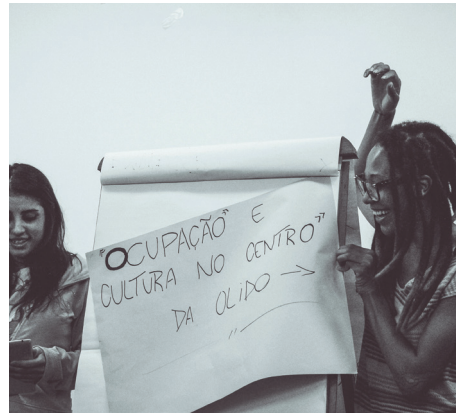
Fotos dos jovens monitores nos dias de formação teórica durante os oito meses de programa

PROGRAMAÇÃO: Evento - Feiras- ex. programação em campo: Sacolão das Artes ou MST (Guararema) ou UNILUZ ou Embu das Artes (Jongo).
ARTE-EDUCAÇÃO: ex. formação em campo na OCA (Carapicuíba), Ilú Obá de Min, EMIA.
LINGUAGENS ARTÍSTICAS: oficinas com o olhar da cidade. Oficinas: artes visuais; Literatura; Teatro; Circo; Música; Contação de Histórias; Mediação de Leitura; dança, etc.
Prezi



ZONA SUL
Para quem é feita a cultura?
Equipamentos Públicos
x

GALERIA DE FOTOS


"OCUPAÇÃO É
CULTURA NO CENTRO"
DA OLHO

JMC

Apoio:

CENTRO CULTURAL
DA JUVENTUDE

InstitutoPólis

GALERIA
OLIDO

DEC
DEPARTAMENTO
DE EXPANSÃO CULTURAL

PREFEITURA DE
SÃO PAULO
CULTURA